

ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

UME: JUDOCA RICARDO SAMPAIO CARDOSO

ANO: EJA

COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSOR: LUCILA GARCIA MOREIRA

Período de 06 /07 /2020 a 30/07/2020

NOME DO ALUNO: _____ TERMO: _____

Nesse 2º bimestre falaremos sobre **Cultura Popular**.
Em Língua Portuguesa veremos:

- PROVÉRBIOS OU DITOS POPULARES;
- CONTOS POPULARES, TAMBÉM CONHECIDOS COMO LENDAS URBANAS;
- VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SOTAQUES REGIONAIS, OU SEJA, AS DIVERSAS FORMAS DE SE FALAR NAS REGIÕES DO BRASIL.

PROVÉRBIOS OU DITOS POPULARES



ATIVIDADE 1: Você já ouviu essa frase?

“Mais vale um pássaro na mão... do que dois voando.”

Sabe o que ela quer dizer? _____

Os provérbios ou ditos populares são frases e expressões que transmitem conhecimentos comuns, ensinamentos ou uma reflexão sobre a vida. A maioria é de criação anônima, muitos criados há séculos, e são utilizados até os dias atuais porque estão relacionados a aspectos universais da vida.

Quem nunca ouviu dizer “Quem diz o que quer, ouve o que não quer”?

ATIVIDADE 2: Descubra os pares de frases que formam provérbios. Siga o exemplo.

(01) Quem semeia o vento...	() vai a Roma.
(02) Quem tem boca..	() espeto é de pau.
(03) Em casa de ferreiro...	() tanto bate até que fura.
(04) Deus ajuda...	() é que a galinha enche o papo.
(05) O que os olhos não veem...	() não se olha o dente.
(06) Quem espera...	() quem tem um olho é rei.
(07) De grão em grão...	() o coração não sente.
(08) Água mole em pedra dura...	(01) colhe tempestade.
(09) A cavalo dado...	() sempre alcança.
(10) Em terra de cego...	() quem cedo madruga.

ATIVIDADE 3: Você conhece mais algum ditado popular? Escreva-o e explique o que significa:

Dica: Se precisar, pesquise com sua família e amigos ou pela internet.

CONTOS POPULARES

Contos populares (ou folclóricos) são narrativas passadas de geração em geração. Elas não têm autor conhecido. Cada história é aumentada e modificada à medida que vai sendo repetida. A autoria é atribuída ao povo – *folk*, em inglês. Daí se origina a palavra. folclore.

Muitos contos populares são bastante antigos. Passando de boca em boca, não eram escritos. Mantinham-se vivos graças à memória dos contadores de histórias.

Leia essa história que é muito conhecida na cidade de Santos. Contam que aconteceu no cemitério do Paquetá.

O FANTASMA DO PAQUETÁ



À meia noite, qualquer cemitério impõe, digamos, respeito, e isso ainda se dá nos dias de hoje. Agora, o que dizer de um cemitério nos idos do início do século XX, quando Santos nem possuía luz elétrica? E se o cemitério ainda tivesse a fama de receber um fantasma em seus portões, no limiar das madrugadas?

Espantaria as pessoas, certo? Bem, não foi isso o que aconteceu em 27 de julho de 1900. Naquela noite fria e enevoadada, uma multidão acorreu ao portão do

Cemitério do Paquetá, na Rua Dr. Cóchrane, para ver a captura de um fantasma, como relatou um jornal da época. A polícia, cansada de registrar relatos da assombração que perambulava por ali nas madrugadas, resolveu fazer valer a autoridade até nos foros do Além. À meia noite, a força policial estava a postos, observada pela multidão.

Contudo, o tempo foi passando e nenhum fantasma apareceu. A turma, decepcionada, começou a ficar inquieta e criar algazarra. Alguns tentaram, inclusive, escalar os muros para invadir o cemitério. E a polícia, então, também para não perder a viagem, baixou o sarrafo no povo, que queria porque queria a aparição de seu fantasma.

Este foi o ápice de uma das mais famosas lendas de Santos: a do Fantasma do Paquetá.

Contava-se que, à meia noite, uma mulher, ora vestida de branco, ora de negro, surgia da direção da Rua São Francisco, parava em frente ao portão principal do cemitério e acenava lá para dentro, com um lenço nas mãos. Em seguida, levava o lenço ao rosto, por baixo do véu que o cobria, e simulava enxugar uma lágrima. Depois disso, retomava o seu caminho tortuoso, desaparecendo pelos lados da Rua Bittencourt.

Mas esse fantasma era de carne e osso. “É a história de uma beata, Maria M., de família tradicional, que sucumbiu aos encantos de um clérigo da Matriz Velha e teve um filho dele”, conta o historiador Francisco Vazquez Carballa.

A beata viveu no final do século 19. O sobrenome é mantido em segredo, pois ainda há membros da família vivendo em Santos, segundo Carballa. Na época, ao saber da gravidez proibida, os pais a expulsaram de casa. Compadecida, uma das criadas de sua família a acolheu, secretamente. Maria M., então, passou a viver reclusa, cuidando de seu bebê.

Só que, mais uma vez, a fatalidade bateu à sua porta. Em Santos do final do século 19, havia peste, havia cólera, enfim, havia um vasto sortimento de outras doenças endêmicas. Assim, com o índice de mortalidade infantil nas alturas, os primeiros meses de vida de uma criança eram sempre críticos. Para o pequeno filho de Maria M., esses primeiros meses provaram-se fatais.

O bebê faleceu. Graças à influência de um primo, que acalentava uma paixão por Maria M., a criança foi

sepultada no Cemitério do Paquetá. E aqui, a aura da lenda começa a se misturar à realidade. De tanta tristeza, Maria M., com o rosto coberto, passava em frente ao cemitério todas as noites, à meia-noite, para chorar a sua dor. A hora morta, das ruas solitárias, era escolhida a dedo, por uma pessoa que havia sido execrada pela sociedade e que, portanto, não desejava ser vista por ninguém.

A história correu a cidade como rastilho de pólvora e a pobre Maria já era chamada de O Fantasma do Paquetá. Por isso, naquela noite de julho, o povo acorreu ao cemitério, para vê-la em seu trajeto doloroso. Só que o desgosto começava a vencê-la: já caíra de cama, doente e, por causa disso, não apareceu no cemitério.

Em agosto de 1900, portanto menos de um mês depois da noite em que todos esperavam o fantasma na porta do cemitério, Maria M. morreu. Foi enterrada como indigente, no Cemitério do Saboó. Anos depois, novamente, o primo devotado – a quem a dor nunca permitiu a Maria que desse uma chance – entrou em cena. Conseguiu a exumação dos restos mortais dela, enterrando-os também no Paquetá.

Maria M. morreu. Mas, ao menos na imaginação popular, a sua saga noturna jamais terá um fim. E se há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia, quem sabe até não chorará de fato a sua perda, às portas do cemitério, ainda nos dias de hoje? Quem quiser conferir...

<http://memoriasantista.com.br> (Colaboradores: Texto – Ronaldo Vaio – Arte: Osvaldo DaCosta - Extraído do Almanaque de Santos, projeto do jornalista Sergio Willians, autor deste blog)

ATIVIDADE 1: Você já conhecia essa história? Escreva sua opinião sobre ela.

Dica: Faça um rascunho em outra folha e passe a limpo aqui. À caneta!

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



ATIVIDADE 1: Como você chama isso?

Chamamos de Variação Linguística a forma como a língua pode variar de acordo com os fatores sociais, culturais profissionais e regionais.

A mesma palavra pode ter o mesmo significado para diferentes contextos. O que em Minas Gerais chamamos de canjica na região nordeste é chamado de mungunzá. A mandioca pode ser chamada de aipim ou macaxeira dependendo da região. E nenhuma dessas formas de falar ou escrever está errada. São os sotaques e maneira típica de se falar de uma determinada região.

A maneira de falar do mineiro, do carioca, do nordestino entre outras regiões são diferentes.

A linguagem liga as pessoas e se identifica com suas vivências. A Variação Linguística nada mais é que a forma da língua se transportar e dialogar com as pessoas que as falam.

Você sabia que...

- Há muitas variedades linguísticas no nosso país?
- O nosso jeito de falar revela de onde a gente é?
- Os sotaques mais conhecidos no nosso país são: o caipira, o nordestino o sulista e que muitos programas humorísticos se utilizam deles para a representação de seus personagens?
- Todas as variedades linguísticas são diferentes formas de comunicação e que são dignas de respeito e consideração?



Veja alguns alimentos que têm nomes diferentes pelo Brasil, mas são a mesma coisa!

Salsicha

Um alimento tão popular, mas que muita gente tem dificuldade pra falar seu nome. O pessoal de Curitiba, capital do Paraná, chama o principal recheio do cachorro-quente de "**Vina**". Sabia disso?

Mandioca

É outra que tem vários nomes pelo país a fora. No Rio de Janeiro e algumas regiões do Nordeste, também é chamada de "**Aipim**". Outros apelidos: "**Castelinha**", "**Uaipe**" e "**Macaxeira**".

Geladinho

Vamos falar dessa sobremesa muito gostosa nas épocas de calor. Um dos doces mais queridos pelas crianças e super fácil de fazer também tem vários nomes. No Rio de Janeiro é chamado de "**Sacolê**" e em São Paulo "**Chup-chup**". Em Goiás, por "**Laranjinha**", independente de sua cor, e no Nordeste, é bem engraçado: "**Ju-ju din-din**".

Tangerina

Essa aqui é a recordista de nomes. No Sudeste é conhecida como "**Tangerina**". No Sul, a galera come "**Bergamota**". Já no Nordeste, é chamada de "**Mimosa**" e "**Laranja-Cravo**". Existem outras variações como "**Mandarina**", "**Fuxiqueira**" e "**Manjerica**". E pessoal de Goiás também a chamam de "**Poncan**" ou "**Mixirica**".

ATIVIDADE 2: Você conhece mais alguma palavra que pode apresentar diversas formas diferentes de se falar pelo Brasil?

Dica: Se precisar, pesquise com sua família e amigos ou pela internet.

ATIVIDADE 3: Resolva o caça-palavras.

ALIMENTOS QUE TÊM NOMES DIFERENTES PELO BRASIL

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

C J O B M R A L B E R G A M O T A E
H U R C T T T A N G E R I N A M S H
U J U U R B C R R C M H E V I T L S
P U T N W M M A C A X E I R A E A O
C D T C E I L N N S Q N S N P C R M
H I F H A X C J M T A E N O O E A A
U N E I R I E A I E R O N L Y E N N
P D P R E R W C M L R C É E T J J D
U I A P I I D R O I A N T E H S I I
M N E C E C G A S N S C T G A O N O
O A A A G A W V A H U G I E Y L H C
M O A T E H O O S A L S I C H A A A

AIPIM
BERGAMOTA
CASTELINHA
CHUPCHUP

JUJUDINDIN
LARANJACRAVO
LARANJINHA
MACAXEIRA

MANDIOCA
MANJERICA
MIMOSA
MIXIRICA

PONCAN
SACOLÉ
SALSICHA
TANGERINA

UIAPI
VINA

ATIVIDADE 4: Sobre variações linguísticas e sotaques regionais, explique o humor da tirinha:


